



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

DENICE ÉLLEN RODRIGUES SILVA

SEGREDO, SEGREDÍSSIMO:
interfaces entre a literatura e o abuso sexual infantil

João Pessoa
2018

DENICE ÉLLEN RODRIGUES SILVA

SEGREDO, SEGREDÍSSIMO:
interfaces entre a literatura e o abuso sexual infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte dos requisitos para obtenção da Licenciatura em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

João Pessoa
2018

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Denice Éllen Rodrigues.

Segredo, segredíssimo: interfaces entre literatura e o abuso sexual infantil. / Denice Éllen Rodrigues Silva. - João Pessoa, 2018.

50f.:il.

Monografia (Graduação em Letras- Língua Portuguesa) –
Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes.

Orientador: Prof.º Dr.º Hermano de França Rodrigues

1. Literatura infantil brasileira.
2. Abuso sexual infantil.
3. Desenvolvimento infantil. I. Título.

DENICE ÉLLEN RODRIGUES SILVA

SEGREDO, SEGREDÍSSIMO:
interfaces entre a literatura e o abuso sexual infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte dos requisitos para obtenção da Licenciatura em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Orientador – UFPB/DLCV

Profa. Dra. Maria Ester Vieira de Sousa
Examinadora – UFPB/DLCV

Profa. Dra. Alyere Silva Farias
Examinador – UFPB/DLCV

Prof. Me. Valnikson Viana de Oliveira
Examinador Suplente – UFPB

João Pessoa
2018

As pequenas almas,
vítimas do monstro da violação.

AGRADECIMENTOS

Àquele que É! “Que poderei retribuir ao Senhor Deus, por tudo aquilo que Ele fez em meu favor?” Obrigada pelo primeiro registro das nossas muitas obras. E à Virgem Maria, gratidão por todo afago materno concedido ao longo da vida

A minha família, que antes de tudo foi minha formação. Especialmente, ao meus pais, Audenice Cardoso e Elionaldo de Oliveira, por não medirem esforços para me fazer feliz e realizada, e ao meu irmão, Geraldo Joaquim, por sempre me ouvir e me apoiar, mesmo quando não entende.

A minha família Vaso Novo, por serem a minha melhor escolha. Especialmente a Jadiel Araújo, Maria de Lourdes, Neucilane Maria e Thiago Medeiros, por serem meu sustento e amparo.

Aos meus irmãos espirituais, Ana Luíza, Camilla Souza, Eduarda Moraes, Everton Cavalcante, Felipe Nascimento, Givanildo Carvalho, Kyanne Maria, Maria Bianca, Maria Camila, Marielly Beckman, Sara Luíze e Suely Marinho, por sempre me lembrarem que eu não estou sozinha. Neste tempo, de forma especial, a Joseane Gomes, por ter sido minha ligação ao céu.

Ao menino da alma mais linda do mundo, Wendell Andrade, por sempre acreditar em mim e ser prefiguração de Deus.

A Adrielly, Elloise, Janaina e Mário, por serem ar fresco nas tardes sufocantes.

Às companheiras do primeiro ano de curso, Crislayne Azevedo, por ser inspiração como profissional e como pessoa; Fernanda Gomes, pelas palavras sinceras e bom gosto; Mikaelle Silveira, por sua disponibilidade e seu coração imenso, que sempre me acolheu; e a Ranelly Calixto, por ser gente em forma de morada, meu presente que se multiplicou, e a verdadeira razão para eu voltar onde tudo começou.

Aos amigos de turma, Amanda Barreto, Emília Querino, Lúcia Maria, Marciel Luz, Naíla Cordeiro e Yanara Vieira, por fazerem da Universidade um lugar melhor, e por serem exemplos de profissionais. E às que foram além da sala de aula, Emily Medeiros, por me deixar ficar, mesmo eu não sendo uma amiga convencional, e por não medir esforços para me ajudar; e a Flávia Ramalho, por sua alma bonita, que sempre enxergou mais de mim, e por confiar a mim seus segredos.

A todos os professores, por todo o conhecimento compartilhado. Especialmente a Alyere Farias, Ana Cláudia Gualberto, Eduardo Vieira, Eloá Losano, Jaqueline Brito,

Laurênia Sales e Maria Leonor Maia, que marcaram e foram inspirações nesse período de formação. De modo particular, aos professores, Cirineu Cecote Stein e Maria Ester Viera de Sousa, pela dedicação e a oportunidade de aprender com vocês mais de perto, período de enriquecimento acadêmico e de vida.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para conclusão deste trabalho. De forma especial, ao Professor Hermano Rodrigues, pela orientação e paixão dedicada ao universo infante. Como também, ao Professor Valnikson Viana de Oliveira, por aceitar com grande disponibilidade compor a banca examinadora

RESUMO

No decorrer dos séculos, a literatura infantil foi vista de diversas formas, e questionada quanto à sua natureza. As primeiras manifestações dessa vertente literária surgiram na França, no século XVIII, onde foi vista como um gênero menor e associada, de maneira negativa, a mero entretenimento. No Brasil, o surgimento da literatura infantil se deu no final do século XIX, período marcado pela chegada da República. À literatura infantil brasileira coube, nesse período, o papel de perpetuadora da cultura vigente. Apesar dos impasses em volta da literatura infantil, desde o seu surgimento, ela tem conquistado e influenciado o desenvolvimento dos seus pequenos leitores. Tendo em mente a pluralidade da literatura infantil, objetivamos estabelecer uma relação desta com o abuso sexual infantil, a partir de proposições levantadas por teóricos da Psicologia. O abuso interfere diretamente no desenvolvimento da criança e pode lhe causar danos de caráter físico, psicológico, social, entre outros, manifestados tanto na infância, quanto na vida adulta. Diante dessa severa realidade, investigamos, no presente estudo, a possibilidade de a literatura infantil estabelecer o diálogo com a criança vítima do abuso sexual, de modo a ajudá-la, através de uma linguagem acessível, a compreender e lidar com essa situação. Para melhor compreendermos a aplicabilidade dessa produção literária, utilizamos o livro *Segredo Segredíssimo*, de Odívia Barros (2011). Como resultados desse estudo, concluímos que a literatura infantil, em diálogo com a temática do abuso sexual, pode proporcionar à criança uma compreensão, de maneira lúdica, da natureza desse ato, e mostrar possíveis soluções que amenizem as proporções das consequências. Esta pesquisa embasou-se especialmente nas contribuições de Lajolo e Zilberman (1999), Coelho (1984; 2010), Hunt (2013), Amazzaray e Koller (1998), Costa (2002), Romero (2007), Labadessa e Onofre (2010), Shaefer (2012) e Papalia e Feldman (2013).

Palavras-chave: Literatura Infantil Brasileira. Abuso sexual infantil. Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Throughout the centuries, children's literature has been seen in various ways, and questioned as to its nature. The first manifestations of this literary strand arose in France in the eighteenth century, where it was seen as a minor genre and associated, in a negative way, with mere entertainment. In Brazil, the emergence of children's literature occurred at the end of the nineteenth century, a period marked by the arrival of the Republic. To the Brazilian children's literature, during this period, fell the responsibility of the role of perpetuator of the current culture. Despite the impasses surrounding children's literature, since its inception it has conquered and influenced the development of its small readers. Having in mind the plurality of children's literature, we aim to establish a relationship with child sexual abuse, based on propositions raised by psychology theorists. The abuse directly interferes with the development of the child and can cause physical, psychological, and social, among other damages, manifested both in childhood and in adult life. Faced with this severe reality, we investigated in the present study the possibility of children's literature establishing dialogue with the child victim of sexual abuse, in order to help her, through an accessible language, to understand and deal with this situation. To better understand the applicability of this literary production, we use the book *Segredo Segredíssimo* (Secret very secret), by Odívia Barros (2011). As a result of this study, we conclude that children's literature, in dialogue with the subject of sexual abuse, can provide children, with a playful understanding, the nature of this act and show possible solutions that mitigate the proportions of the consequences. This research was based on the contributions of Lajolo and Zilberman (1999), Coelho (1984, 2010), Hunt (2013), Amazzaray and Koller (1998), Costa (2002), Romero (2007), Labadessa and Onofre (2010), Shaefer (2012) and Papalia and Feldman (2013).

Keywords: Brazilian Children's Literature. Child sexual abuse. Child development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A LITERATURA INFANTIL	16
3. O ABUSO SEXUAL INFANTIL.....	28
4. A LITERATURA INFANTIL COM A TEMÁTICA DO ABUSO SEXUAL.....	37
4.1. <i>Segredo, Segredíssimo</i> (2011).....	39
4.2 A literatura infantil e o abuso sexual infantil.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	46
Anexo 1	48

1. INTRODUÇÃO

Pesquisadores das mais diversas esferas que compõem as áreas humanas de estudo têm buscado identificar a gênese da Literatura e sua capacidade de subsistir no decorrer da evolução humana. No entanto, conforme afirma Coelho (2010), essa verdade ainda se encontra aquém da nossa compreensão, portanto, os estudiosos relacionam o início da Literatura à necessidade da natureza humana em comunicar-se. Essas partilhas de experiências sobreviveram preservadas na memória dos povos, e foram disseminadas de geração em geração através da tradição oral, a qual denomina-se, hoje, de Literatura Primordial. Além da natureza oral dessas narrativas, contamos também com os primeiros registros – oriundos dos documentos encontrados nas mais diversas regiões orientais –, os quais foram escritos, por exemplo, em pedras e papiros, que perpetuaram a continuidade dessas palavras até os dias atuais. Observamos, assim, a natureza da Literatura Oral e Escrita. De acordo com Coelho (2010), essa Literatura chegou até nós, grosso modo, da seguinte forma: inicialmente manifestada no oriente séculos antes de Cristo, foi transmitida ao Ocidente, onde se popularizou na Europa e, por conseguinte, em suas colônias – dentre elas, no Brasil.

A Literatura Ocidental, ainda em consonância com a referida autora, vai se tornando independente e encontrando suas formas no século XVI, denominado Tempos Modernos, período de “[...]transformações de limites, de horizontes, de ideias, de costumes” (COELHO, 2010, p. 49), marcado, sobretudo, por novas descobertas e invenções. O ápice da propagação da Literatura se deu com a criação da Imprensa, responsável pela disseminação do livro e idealização da criatividade cultural. No Brasil, segundo Lajolo e Zilberman (1999), esse forte apoio literário se deu com a implantação da Imprensa Régia, em 1808.

Após uma breve elucidação dos caminhos percorridos pela Literatura, podemos visualizar o seu caráter sócio-histórico, tendo em vista que seu desenvolvimento se dá acompanhando a evolução da vida humana. Isso posto, podemos compreender as variáveis que circundam essa essência literária, a começar da diversidade de seus leitores. Retomando o início da Literatura perpassada pelas gerações, subentende-se, portanto, a diferença etária para quem ela se destinava. Com isso, inferimos também que não se tratava de uma única forma de produzir literatura, pois a natureza humana engloba níveis de desenvolvimento e compreensão. Sendo assim, nos apropriaremos, especificamente,

da literatura destinada à infância, buscando compreender suas funções e influências. Para isso, faz-se necessário compreender o que caracteriza esse leitor mirim.

O conceito de criança surge no seio cultural, ou seja, cada momento e cada sociedade compreende a criança de uma forma distinta. De acordo com Hunt (2013), a compreensão do conceito de infância em termos diacrônicos não apresenta uma gama de registros, e sua natureza é complexa e inconstante. No Romantismo, por exemplo, havia uma discrepância em como a criança era compreendida: por um lado, era vista como ser agraciado, digno da atenção Divina, por outro, uma criança tinha má formação física como consequência de pecado contra Deus. Desta forma, em uma só comunidade havia variadas conceituações em torno da criança. Havia também países com altas taxas de mortalidade infantil, nos quais sua existência não era nem cogitada ou refletida.

Se buscarmos na Idade Média o conceito de criança, veremos, conforme discorrem Nascimento e Christiano (2015), que a noção de infância está totalmente distante do ato de afeição por nós hoje compreendido. As crianças, logo após deixarem de depender de suas mães na alimentação e desenvolverem suas capacidades básicas, eram inseridas junto aos adultos no trabalho e na convivência comum, sendo, assim, compreendida, como denomina Coelho (2010), “adultos em miniatura”. Esse conceito está inerente às coisas para elas dirigidas nesse período.

A concepção de criança que temos nos dias atuais é produzida historicamente, conforme reitera Hunt (2013), e essa afirmativa é endossada pelas definições da Psicologia. A criança hoje é compreendida como um ser em desenvolvimento, por isso, frequenta ambientes diferentes e a ela não cabem responsabilidades, que são conferidas ao adulto. Partindo dessa diversidade sobre a criança, o mesmo podemos inferir para a Literatura a ela direcionada.

Sabemos que a origem da Literatura Infantil corresponde à mesma da Literatura para adultos. A diferença entre elas se encontra no receptor, isto é, a criança. Assim, a evolução literária para a infância passa por esse mesmo processo de construção histórica, sendo desenvolvida em cada sociedade utilizando os critérios da noção de criança pré-existente.

A princípio, de acordo com Lajolo e Zilberman (1999), a Literatura Infantil era manifestada na França como um gênero menor, resumido a livros de entretenimento. Ou seja, não era digno de méritos e investimento, sendo, assim, inferior à Literatura para adultos. Na Inglaterra, a disseminação desse viés literário se deu através de interesses industriais. Foi vista como uma mercadoria, vendida tanto para a Família, quanto para a

Escola, estando, no segundo caso, relacionada ao ensino. No Brasil, essa literatura foi incluída no seio do desenvolvimento do país, marcado pela chegada da República. A literatura, pois, surgiu em conjunto com o projeto de ensino, e foi reconhecida como instrumento pedagógico, bem como perpetuadora do civismo e patriotismo, trazendo grandes marcas das propostas europeias.

Somente mais tarde, no século XX, conforme afirma Coelho (2010), a Literatura Infantil brasileira iniciaria um processo de caracterização que se aproxima do que hoje compreendemos. Com o investimento de escritores do país, especialmente Monteiro Lobato (1882-1948), a literatura para crianças veio a se adequar às necessidades da infância, auxiliando-as no processo de leitura do mundo. Hoje, a Literatura Infantil brasileira é permeada por diversas funções e uma gama extensa de conteúdo, seja no intuito de entreter a criança, seja no de transmitir a ela os valores vigentes na sociedade. É, portanto, capaz de adentrar no universo da criança, e, assim, ajudá-la a equilibrar-se com o mundo externo.

Considerando a capacidade da Literatura Infantil em comunicar à criança aquilo que a auxilie em seu processo de formação, podemos inferir, então, que essa Literatura pode ajudar a criança a lidar com as problemáticas surgidas nessa fase da vida. Ao pensarmos em uma temática como o abuso sexual infantil, deparamo-nos com a dificuldade que se tem de discutir esse assunto com a criança. No entanto, entendemos que a Literatura Infantil pode atuar, nesse caso, como mediadora. Conforme discute Gutfreind (2014), a Literatura é o ponto de encontro entre o adulto e a criança, ou seja, através dela, o adulto pode comunicar algo que em outra circunstância seria impossível.

Faz-se necessário compreendermos a dimensão do abuso sexual infantil e suas implicações nesse ser em desenvolvimento. Para tanto, utilizaremos uma das vertentes da Psicologia, especificamente a Psicologia do desenvolvimento, buscando estabelecer a relação dessa temática com a Literatura Infantil.

Assim como a Literatura e o conceito de criança, a violência possui um caráter social e histórico, podendo ser compreendida apenas no interior da cultura de cada povo e em determinado tempo. Nos dias atuais, segundo Labadessa e Onofre (2010), a violência contra as crianças pode ser classificada como: física, sexual, psicológica, ou negligência. Tomaremos aqui, especificamente, a violência em seu caráter sexual.

Por muito tempo, o abuso sexual infantil não era considerado um problema. Isso estava ligado à posição social que a criança ocupava, tendo em vista que, ao conviverem

com os adultos como se fossem iguais, elas se tornavam participantes também das relações sexuais.

No Brasil, somente após a implantação da Constituição Federal de 1988 é que a criança passaria a ser vista legalmente como sujeito digno de direitos e cuidados. A partir dessa lei, surgiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, e o olhar social em direção à criança é reconfigurado. Com o crescente desenvolvimento do Direito da Criança, aumenta também o interesse sobre a temática do abuso sexual infantil, buscando proteger e auxiliar as vítimas.

O abuso sexual infantil é aqui entendido, consoante Shaefer (et al 2012), como todo contato ou interação entre uma criança e um indivíduo em estágio de desenvolvimento superior àquele em que ela se encontra, em que a criança é utilizada para estimulação sexual do agressor. Esse ato interfere diretamente no desenvolvimento da vítima, podendo resultar em consequências de natureza física, emocional, cognitivas e sociais, e suas manifestações podem ser a curto ou a longo prazo. Pelo caráter multifacetado do abuso sexual, torna-se difícil a identificação das possíveis vítimas, tendo em vista que não existe um critério específico: toda criança, independente da classe social ou sexo, pode ser vítima desse crime.

Segundo Knutson (1995 *apud* AMAZZARAY E KOLLER, 1998), não se possuem dados epidemiológicos que permitam estabelecer a exatidão da prevalência do abuso sexual. Isso é justificado pelo pacto de silêncio que é gerado na maioria das vítimas, conforme Romero e Capitão (2007 *apud* FLORENTINO, 2015), que se dá por vários fatores, como o sentimento de culpa gerado na criança ou as ameaças às quais são submetidas, isto considerando a realidade de poder que o adulto tem sobre a criança, tanto a sua superioridade física, como também psicológica. Vale destacar que, em relação aos abusos sexuais cometidos no seio familiar ou por pessoas próximas, esse silêncio prevalece também pelo sentimento de vergonha ao revelar a estrutura em que a família se encontra. Sendo assim, muitas crianças sofrem abuso e isso não é denunciado, mantendo, portanto, muitos agressores impunes.

Segundo o Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), da Universidade de São Paulo (*apud* ROMERO, 2007), o Brasil não mantém estatísticas oficiais sobre casos de violência contra crianças. Desta forma, o país conta apenas com números parciais com base nos abusos denunciados. Contudo, como já afirmado, como os citados acima, muitos dos abusos ocorridos permanecem invisíveis.

Compreendendo a complexidade do abuso sexual e as diversas consequências geradas nas vítimas, faz-se necessário o uso de estratégias em busca da minimização desse quadro de risco para infância. Em consonância com essa necessidade, a Literatura é apresentada, portanto, como possível ferramenta de auxílio para essas crianças vítimas de abuso sexual. No que se refere à multifuncionalidade da obra literária infantil, Coelho (1984, p. 3) afirma que:

Cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, [a literatura] leva-os, de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ao lhes propor objetivos, ideias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social.

Isso posto, compreendemos que a Literatura é capaz de auxiliar a criança a lidar com as interrogações próprias de sua fase. No caso de crianças vítimas do abuso sexual, essas perguntas são ainda mais acentuadas. Sendo assim, a Literatura Infantil, ao abordar essa temática, pode contribuir para uma amenização dos questionamentos, estabelecendo a comunicação entre os pequenos leitores e esse tema tão difícil e de natureza assustadora.

Como vimos, a Literatura Infantil pode desempenhar diversas funções na vida da criança, dentre elas, o auxílio na percepção de valores e no processo de desenvolvimento de sua capacidade de compreensão da realidade em que vive. Ao considerarmos que a criança vítima do abuso sexual muitas vezes não é capaz de compreender a dimensão dessa violação, que essa problemática influencia diretamente em sua percepção do mundo e a invisibilidade que o contexto brasileiro concede às vítimas dessa violência, surge o seguinte questionamento: *Em que medida a Literatura Infantil pode auxiliar as crianças vítimas do abuso sexual no Brasil?*

Diante disso, é objetivo principal deste estudo *discutir as possíveis relações entre a literatura e o abuso sexual infantil no Brasil, e suas implicações no desenvolvimento da criança violada.*

Para tanto, elencamos como objetivos específicos:

- a. Estabelecer a relação entre a produção literária infantil e o abuso sexual;
- b. Exemplificar como a temática do abuso sexual se faz presente em um livro para crianças.

Salientamos que esta pesquisa é de natureza teórica e, por esta razão, não é nosso objetivo principal realizar uma análise de um livro em específico. No entanto, para compreendermos a aplicabilidade das discussões suscitadas, tomaremos como exemplo o

livro *Segredo, Segredíssimo*, de Odívia Barros (2011, Anexo 1). Esse livro é destinado a crianças que estão na segunda (03 a 06 anos) e terceira (06 a 11) infâncias. Narrado em forma de conto, a história é desenvolvida em torno de uma criança vítima do abuso sexual e a forma como ela lida com esse problema.

A escolha do *corpus* se deu por um conjunto de razões, mencionados anteriormente. Em primeiro lugar, o abuso sexual gera consequências severas em toda a dimensão do indivíduo. Contudo, de acordo com Garfinkel (et al, 1992 *apud* AMAZARRAY E KOLLER, 1998), torna-se ainda mais perturbador e prejudicial quando ocorrido na infância, tendo em vista que as funções afetivas e cognitivas ainda não amadureceram. Concernente a essa realidade, sob a perspectiva da Psicologia, podemos visualizar os variados efeitos gerados na vida da criança, vítima do abuso sexual e, assim, buscar estratégias para auxiliá-la.

Surge também a dificuldade de discussão desse tema com a criança em uma linguagem que ela compreenda. Pela falta de informação, conforme ressaltam Amazarray e Koller (1998), vítimas abusadas na infância chegam até a vida adulta sem reconhecer que o comportamento ao qual foram submetidas quando crianças era um ato abusivo. Some-se a isto o fato de que, no Brasil, não se possui uma estimativa concreta da quantidade de crianças vítimas do abuso sexual, o que gera ainda mais dificuldades em tratar dessa problemática.

Por fim, temos, conforme aqui elucidado, a dimensão da Literatura Infantil e sua capacidade de auxiliar a criança no equilíbrio com o mundo externo. Esta pode, portanto, proporcionar à criança uma conscientização, de maneira lúdica, sobre tal temática – que, de modo geral, seria superior ao seu entendimento.

Este trabalho é constituído por quatro capítulos e as Considerações finais, sendo o primeiro deles esta *Introdução*, na qual elencamos as principais reflexões que nortearam a elaboração desse estudo.

No Capítulo 2, *A Literatura Infantil*, apresentamos um breve panorama histórico da Literatura Infantil, destacando as principais funções que ela ocupou no decorrer dos séculos e sua importância ao desenvolvimento da criança, com base nas considerações feitas por Lajolo e Zilberman (1999), Coelho (1984; 2010) e Hunt (2013).

No Capítulo 3, *O abuso sexual infantil*, elucidamos os principais conceitos acerca dessa temática e as possíveis consequências no desenvolvimento da criança vítima do abuso sexual, especialmente a partir da perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento,

apoiada nas proposições de Amazzaray e Koller (1998), Costa (2002), Romero (2007), Labadessa e Onofre (2010), Shaefer (2012), e Papalia e Feldman (2013).

No Capítulo 4, *A Literatura Infantil com a temática do abuso sexual*, desenvolvemos a análise da literatura infantil como estratégia de auxílio para crianças vítimas do abuso sexual, a partir das discussões elencadas nos capítulos anteriores.

Nas *Considerações finais*, apresentamos as conclusões resultantes das discussões desenvolvidas no decorrer do trabalho.

2. A LITERATURA INFANTIL

Para melhor compreendermos o universo da literatura para crianças, precisamos ter em mente, em primeiro lugar, a afirmativa apontada por Coelho (1984, p. 10): “A Literatura Infantil é, antes de tudo, *literatura*”. Apesar de suas particularidades (as quais discutiremos no decorrer deste capítulo), a raiz de sua natureza é a própria Literatura. A partir desse pressuposto, somos induzidos a buscar a definição de Literatura para podermos, por conseguinte, alcançar a definição de Literatura Infantil. No entanto, ainda em consonância com Coelho (ibid., id.), nos deparamos com a realidade que rege essa busca: “Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu Literatura a seu modo”. A autora acrescenta, posteriormente, que “fácil é compreendermos a quase impossibilidade de ser chegar a uma definição clara e unívoca do que é a Literatura. Jamais se conseguiu definir a Vida, de modo cabal e definitivo...” (ibid., p. 11).

Desta forma, não adentraremos nas variadas discussões e definições desenvolvidas pelos mais diversos autores, as quais percorrem os séculos de existência da Literatura. Vale ressaltar que não estamos, aqui, anulando a importância e pertinência desse debate; porém, essa discussão não é o objetivo central deste estudo. Nos empenharemos, portanto, em discutir as funções da Literatura Infantil e suas contribuições na vida da criança.

Retomando a afirmativa de Coelho (1984), anteriormente citada, de que a literatura foi produzida e entendida em cada época de um modo específico, inicialmente levantaremos um breve panorama histórico da Literatura Infantil, partindo das primeiras obras dessa natureza no continente Europeu à maneira como ela vem sendo compreendida atualmente no Brasil – a qual, especificamente, interessa a este trabalho.

Por compreendermos que a literatura dirigida para crianças não anula a sua essência literária, faz-se necessário, antes de partirmos para o contexto histórico da Literatura Infantil, considerarmos o início da Literatura como um todo. Segundo Coelho (2010, p.6), não é um trabalho simples identificar com precisão a origem da Literatura, contudo, os estudiosos presumem que seu surgimento esteja,

[...] a partir do confronto das *invariantes/variantes narrativas* [...] e, essencialmente, a partir dos *documentos* encontrados em diferentes regiões: *inscrições* em pedras, em tabuinhas de argila ou de vegetal; e *escrituras* em

papiro ou pergaminho, em rolos ou em folhas presas por um dos lados ou ainda em grossos livros manuscritos [...].

Ainda em consonância com a autora, esses registros escritos estão relacionados aos rituais do povo primitivo e, portanto, ao misterioso. Da mesma forma, se dão as narrativas orais, hoje conhecidas como Literatura Primordial, que, apesar de não terem registros escritos, se perpetuaram por séculos através da memória do povo, na qual eram partilhadas experiências particulares que se presumia serem significativas para todos. De acordo com Coelho (2010), dessa Literatura Primordial surgiu a Literatura Infantil. Essa derivação se deu, de maneira resumida, da seguinte forma:

Dessas *narrativas primordiais* orientais nascem, pois, as *narrativas medievais* arcaicas, que acabam se popularizando (na Europa e depois em suas colônias americanas, como o Brasil) e se transformando em *literatura folclórica* (ainda hoje viva, entre nós, circulando principalmente no Nordeste, através da “literatura de cordel”) ou em *literatura infantil* [...] (ibid., p. 7).

Nesse trecho, podemos observar também a semelhança pré-existente da literatura popular com a literatura infantil, cuja características mantêm proximidade no decorrer da história. Após breve elucidação sobre as raízes da Literatura Infantil, partiremos para sua propagação ao longo dos séculos, apontando as transformações e os impasses recorrentes ao desenvolvimento dessa área literária.

Ao voltarmos o nosso olhar em busca das primeiras manifestações reconhecidas como literatura infantil, nos deparamos com obras oriundas do classicismo europeu, no século XVII, hoje consideradas clássicas no acervo literário infantil. De acordo com Coelho (2010), são as fábulas de La Fontaine, os contos de fadas e os contos maravilhosos de Perrault, Andersen e Grimm. Segundo a autora, essas obras, consideradas as pioneiras na Literatura Infantil, recriam estórias veiculadas oralmente pelo povo, as quais perpassam séculos e ultrapassam gerações. Seus autores, anteriormente citados, principais responsáveis pela recriação e pelos registros escritos direcionados ao público infantil, marcam o início dessa vertente literária no mundo ocidental. Por se tratarem de uma recriação da oralidade, ainda em consonância com a autora, essas obras têm como característica a valorização da imaginação e fantasia, retomando, assim, os aspectos das narrativas primordiais, das quais procede a literatura infantil.

Vale ressaltar que o surgimento da Literatura Infantil na França do século XVII não se deu por coincidência. É necessário olharmos para realidade vivida pelo país nessa época. Conforme reitera Coelho (2010, p.76):

Depois da turbulência política e o desequilíbrio que se seguiram à eclosão do Renascimento e à anarquia das guerras civis, a França, mais cedo do que qualquer outra nação, tenta reencontrar o equilíbrio. O século XVII francês [...] caracteriza-se, acima de tudo, por um enorme esforço para estabelecer uma *ordem racional*, não só no pensamento, como na Sociedade, nos costumes e na Vida em geral.

Podemos compreender que a Literatura Infantil, tendo sua raiz na cultura popular, adentra nessa realidade como transmissora de uma nova cultura que se estruturava na sociedade francesa, marcada pelo comportamento racional e exemplar.

Olhando para os impasses desse período de surgimento, de acordo com Lajolo e Zilberman (1999), a Literatura Infantil, desde seu advento, passa por dificuldades de legitimação, estando marginalizada de maneira evidente no decorrer da história. “Como se a menoridade do seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 11).

Essa problemática é exemplificada pelas autoras com a obra os *Contos da Mamãe Ganso* (cujo título original é *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*), de Charles Perrault, publicada na França, em 1697. Sendo Perrault o escritor cujo nome era reconhecido com importância entre os intelectuais franceses, se recusou a assinar a autoria da obra e a atribuiu ao seu filho mais novo, Pierre Darmancourt. Essa recusa se deu pelo fato de que a literatura contida na obra era considerada inferior para um membro da Academia Francesa. Nessa época, a literatura para crianças não rendia prestígios para seus autores. Somente depois, com grande investimento, ela pôde proporcionar alguma recompensa aos escritores.

O histórico de desenvolvimento da Literatura Infantil não está restrito aos franceses e, conforme Lajolo e Zilberman (1999), sua expansão aconteceu simultaneamente na Inglaterra, onde a literatura para crianças se destacou como a de maior associação às ocorrências de caráter econômico e social. No início do século XVIII surgiram os primeiros livros voltados ao público infantil no mercado inglês. Essa difusão não se deu por acaso, tendo em vista que este século é marcado, na sociedade inglesa, pelo processo revolucionário da industrialização. Tal contexto influenciou diretamente a caracterização das obras literárias, assim como a propagação que se seguiu a partir daí.

Ainda segundo as autoras, surge nesse cenário de industrialização a consolidação da burguesia como classe social, cujo esforço era voltado à conquista de adeptos a sua proposta de vida econômica e política (ibid.). No entanto, essa persuasão acontecia, na maioria das vezes, de maneira disfarçada, convencendo instâncias a se aliarem a ela, dando, portanto, forças para a expansão de seu projeto.

O primeiro alvo da burguesia é a família, em que o pai aparece como responsável para o sustento da casa e a mãe como organizadora interna do lar, estruturando-se, assim, um novo conceito familiar e determinando-se uma ideologia de vida. Nesse novo projeto, surge a criança como a principal beneficiada pelo trabalho em conjunto. No entanto, essa atenção para a infância é somente para mascarar os verdadeiros interesses, conforme discorrem Lajolo e Zilberman (1999, p. 17):

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) [...]. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo de atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória.

A noção de criança é mero elemento de influência para o desenvolvimento econômico do país. O olhar voltado para a infância não era, portanto, fruto de um reconhecimento da criança como sujeito, mas uma maneira discreta para solidificação de uma classe dominante.

Em continuidade, as autoras afirmam que a burguesia partiu em busca de ainda mais aliados para fortalecer seu objetivo. Colocou agora, então, sua expectativa sobre a Escola: “[...] postulados a fragilidade e o despreparo dos pequenos, urgia equipá-los para o enfrentamento maduro do mundo” (ibid., id.). Sendo a escola e a família correlacionadas, e tendo ambas a função de mediadoras entre a criança e a sociedade, juntas, são fortes aliadas para corresponder ao processo econômico vigente na Europa.

Com esse cenário social e econômico do país, a legitimação da literatura infantil é diretamente prejudicada. Isto porque, estando a noção de criança relacionada à fonte de renda, conseqüentemente, a dissolução da literatura para ela segue esse mesmo pressuposto: “[...] a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria.” (ibid.). E esse é apenas um dos problemas gerados por esse jogo de interesses sobre a literatura para crianças. A Literatura Infantil e sua natureza autêntica são subsidiadas à Escola:

[...] depende também da escolarização da criança, e isso a coloca numa posição subsidiária em relação à educação. Por conseqüência, adota postura às vezes nitidamente pedagógicas, a fim de, se necessário, tomar patente sua utilidade. Pragmática igualmente por este aspecto, inspira confiança à burguesia, não apenas por endossar valores desta classe, mas sobretudo por imitar seu comportamento (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 18).

Essas situações atraem diferentes olhares para Literatura infantil. Segundo as autoras (ibid.), por um lado, existia a burguesia, usufruindo das obras literárias como ascensão e disseminação de uma proposta política. As críticas literárias, por sua vez, levantavam questionamentos quanto à possível fraqueza da literatura para crianças, de se deixar manusear pelos interesses externos e, assim, perder o caráter autêntico próprio dos textos literários. Contudo, a Literatura para a infância supera tais desconfianças:

[...] se se dobra a exigências diversas, revela ao mesmo tempo em que medida a propalada autonomia da literatura não passa de um esforço notável por superar condicionamentos externos – de cunho social e caráter mercadológico – que a sujeitam de várias maneiras. E como, ainda assim, alcança uma identidade, atestada pela permanência histórica do gênero e pela predileção de que é objeto pelo leitor criança, mostra que a arte literária circunscreve sempre um espaço próprio e inalienável de atuação, embora seja ele limitado por vários fatores (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 19).

É importante considerarmos que essas dificuldades quanto à identidade da Literatura Infantil não se encerraram na Inglaterra, onde surgiram as primeiras manifestações e indagações. Pelo contrário, as problemáticas quanto à função da Literatura Infantil regem toda a sua história, até os dias atuais. A princípio, não nos atentaremos a discutir as funções da Literatura Infantil e sua importância na vida das crianças. Após as breves demarcações na história, aprofundaremos tais questões. Continuando o desenvolvimento histórico da Literatura Infantil, partiremos agora, para sua chegada ao Brasil, cuja literatura é objeto de discussão deste estudo.

Conforme apresentam Lajolo e Zilberman (1999), a literatura infantil surge no território brasileiro muito depois de suas primeiras manifestações na Europa. Tão somente no final do século XIX, com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, inicia-se a publicação de impressos para crianças. No entanto, as autoras afirmam que, “essas publicações eram esporádicas [...] e, portanto, insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância” (ibid., p. 24).

É importante salientarmos que essa chegada tardia da Literatura Infantil ao Brasil é coerente à realidade de desenvolvimento do país como um todo. Segundo Coelho (2010), no período de aparição da literatura para crianças no solo europeu, o Brasil também vivia uma época de transições. No que se refere à literatura veiculada no país no século XVIII, as obras eram impressas em Portugal, e as demais que surgissem nesse período não apresentavam, em sua maioria, caráter literário: eram, na verdade, próprias da oratória sacra. Quanto à educação no país, esse século é marcado, também, pela ruptura

do ensino dirigido pelos jesuítas, causando um grande abalo na estrutura nacional, e o país levou anos para reestruturar um novo sistema de educação.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999), somente com a mudança de governo para a chegada da República, o país iniciaria sua caminhada para a modernização. Esse período é caracterizado também pelo início da indústria e pela reestruturação da economia do país, num processo acelerado de urbanização. Sendo assim, “[...] entre o fim do século XIX e o começo do XX, o momento se torna propício para o aparecimento da literatura infantil” (ibid., p. 25).

É importante esclarecermos que a explanação aqui apresentada acerca da origem e expansão da literatura infantil, não consiste em um panorama integral de toda a história da literatura destinada à criança. Da mesma forma, não nos propusemos a realizar uma análise de obras surgidas no decorrer dos séculos, bem como de seus principais autores. Trata-se, portanto, de uma breve elucidação de características históricas, tendo como objetivo situar o leitor e auxiliar na compreensão das funções exercidas pela Literatura Infantil na vida da criança e, conseqüentemente, na sociedade.

Nos aprofundaremos, agora, em algumas partes da propagação dessa vertente da literatura no Brasil, tendo em vista que esta, especificamente, é o objeto principal da nossa discussão. Para tanto, elencaremos algumas de suas dificuldades e indicaremos os papéis por ela exercidos no decorrer da história do país, até os dias atuais.

Retomando o surgimento da literatura para crianças no Brasil, partimos da afirmativa de Coelho (2010, p. 220), de que “foi no entresséculos [...] que o sistema escolar nacional passa por reformas de real alcance e incorpora em sua área também a produção literária para crianças e jovens”. Essa incorporação, ainda em consonância com a autora, tratava-se, inicialmente, de traduções e adaptações de livros destinados aos pequenos leitores, porém isso não seria o bastante. Desperta-se uma nova percepção:

[...] começa a se firmar, no Brasil, a consciência de que uma literatura própria, que valorizasse o nacional, fazia-se urgente para a criança e para juventude brasileiras. (Tal como vinha sendo feito na área da literatura “adulta” e nos demais setores do pensamento culto). (ibid., p. 220).

Podemos perceber que a disseminação da literatura infantil se deu juntamente com o desenvolvimento de um sistema de ensino no país; portanto, a raiz literária infantil brasileira está intimamente ligada à escola. Conforme afirma Coelho (ibid.), esse período é marcado por uma nova valorização da inteligência e da instrução:

Muito natural, portanto, que nessa época de valorização do Saber, de efervescência nacionalista e de reivindicações liberais, multipliquem-se as manifestações de reforma pedagógica e literária, visando à formação das novas gerações brasileiras. (COELHO, 2010, p. 221).

Observamos, nesse contexto de investimento em uma literatura propriamente brasileira, que o interesse na formação da criança, em específico, enfatiza sua função enquanto futuro do país, assim como perpetuadora da cultura nacional.

Juntamente com esse espírito valorativo sobre a nação, de acordo com Lajolo e Zilberman (2010, p. 28), surge também “[...] a preocupação generalizada com a carência de material adequado de leitura para crianças brasileiras”. As autoras reiteram o esforço conjunto de profissionais empenhados em sanar essa lacuna no acervo literário nacional, justificados pela forte presença de obras estrangeiras que “[...] não tinham, com os pequenos leitores brasileiros, sequer a cumplicidade do idioma” (ibid., p. 31). Inclui-se, também, nesse investimento de produção, indispensavelmente, o lucro financeiro fruto dessas escritas, que, de antemão, geram rendas positivas e que geravam reconhecimento aos seus autores – diferentemente da experiência vivida pelos escritores de literatura infantil na França, os quais, conforme mencionamos, não eram bem recompensados na produção dessa literatura.

Várias obras surgiram nesse período de inserção da literatura infantil, buscando compor um acervo propriamente brasileiro, cujos conteúdos representavam a realidade que o país vivia e transmitiam essa ideologia para os pequenos leitores. Lajolo e Zilberman (1999) discorrem sobre os conteúdos presentes nessas obras, e destacaremos alguns deles a seguir.

Na Literatura Infantil, é muito comum a presença de uma criança como protagonista, em que toda a história gira em torno dela. Nas obras oriundas do entresséculos, essas crianças, exercendo o papel de personagens principais, se comportavam sempre de maneira exemplar, envolvidas em atividades produtivas e virtuosas. Retomando a realidade social do país marcado pelo patriotismo, a Literatura Infantil acompanhava esse mesmo ritmo. As obras são marcadas pela exaltação das belezas do país, como também os jovens personagens engajados em defender e amar a sua pátria. Conforme afirmam as autoras, os textos para a infância se caracterizavam como “instrumento[s] de difusão de civismo e patriotismo” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 34).

Além das crianças modelares presentes nas obras, ainda consoante às autoras, havia também a exigência de uma linguagem que correspondesse com exatidão às formas

cultas da língua. No final do século XIX, investiu-se na correção acirrada das obras literárias, inclusive daquelas destinadas ao público infantil. Essa atitude tende a roubar das obras infantis a aproximação realista com a fala das crianças, tendo em vista que o conhecimento linguístico da norma padrão não é inerente à infância. Vale destacar, também, que os escritores, dedicados à escrita para crianças e também para a literatura adulta, “[...] não podiam, mesmo que o quisessem, ter nas suas carreiras de escritor para crianças uma atitude perante a língua diferente da posição acadêmica, culta e perfeccionista que permeia seus escritos não infantis” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 43).

Podemos observar que as obras pioneiras da Literatura Infantil brasileira tinham como objetivo, portanto, fornecer ao pequeno leitor direcionamentos para bons hábitos, tanto em seu comportamento, como no uso da linguagem padrão vigente nesse período. Além disso, transmitiam às crianças a incumbência de perpetuar a cultura nacional, com amor e zelo pela pátria.

Como dito anteriormente, não nos propusemos aqui à análise das obras oriundas desse período inicial e seus respectivos autores. Porém, ao falarmos de Literatura Infantil brasileira, torna-se imprescindível nos voltarmos para Monteiro Lobato (1882-1948), tendo em vista que, de acordo com Coelho (2010, p. 247), a ele “[...] coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje”. Elucidaremos, agora, algumas das diversas contribuições dadas por esse autor, contribuinte por excelência na reconstrução de uma literatura brasileira para crianças.

Segundo Coelho (2010), Monteiro Lobato, descontente com a realidade da Literatura Infantil brasileira, resolveu mudá-la. Esse desejo foi registrado na correspondência trocada em 1916 com Godofredo Rangel, na qual Lobato revela sua inquietação:

Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. [...] É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação dos meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o *Coração* de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos... (*A Barca de Gleyre*, 2º tomo, p. 104, *apud* COELHO, 2010, p. 249).

Nesse trecho da carta, podemos perceber que Lobato critica veemente a Literatura Infantil vigente no país, apontando a falta de significado nas literaturas propostas às crianças, assim como a falta de nacionalidade dos textos infantis. Partindo dessa carência de uma literatura para crianças significativamente brasileira, conforme Coelho (2010),

em 1921, Monteiro Lobato publica *Narizinho Arrebitado*, livro de sucesso imediato que rendeu outras formas de publicação da mesma história, e abriu as portas para a chegada da nova literatura infantil no país. Segundo a autora, o sucesso de Lobato entre os pequenos leitores se deu porque “[...] eles se sentiam identificados com as situações narradas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação familiar e afetiva, que era subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico, com a mais absoluta naturalidade” (COELHO, 2010, p. 249-250).

Lobato trouxe um novo olhar sobre a Literatura Infantil nacional, atribuindo a ela o papel de reescrever o universo da criança em uma linguagem que entendesse e fosse protagonista. Não segundo o ponto de vista de uma criança estereotipada, como anteriormente mencionado, mas de uma criança real e próxima dos leitores.

Vale reiterar, mais uma vez, que essa explanação não contempla todos os passos da Literatura Infantil, mas busca situar o leitor e despertar sua atenção para as relações estabelecidas pela Literatura Infantil no decorrer da história. De maneira pontual, retomemos, agora, a evolução funcional da literatura infantil apresentada neste trabalho, querendo, pois, contrapor-la à realidade da literatura concebida atualmente.

As primeiras manifestações da literatura para crianças surgidas na França do século XVIII foram consideradas como um *gênero menor*, sem prestígios para os seus escritores, sendo marginalizadas no decorrer dos séculos. Simultaneamente, a literatura infantil surge na Inglaterra, sendo utilizada pela indústria como mera *mercadoria*, ao mesmo tempo em que subsidiava a escola, restringindo-se às funções pragmáticas. No Brasil, apesar da sua chegada tardia, não se distanciou da realidade pré-existente na Europa. No final do século XIX e começo do XX, nasce a literatura infantil brasileira no seio do novo sistema de ensino, caracterizando-se, assim, com forte *caráter pedagógico*. A literatura para crianças também foi incumbida, de a grosso modo, transmitir o sentimento valorativo pela pátria, os bons costumes e a escrita formal da língua. Somente com as contribuições iniciadas por Monteiro Lobato, em 1921, podemos ver uma mudança de perspectiva na produção literária para a infância, que abre as portas para noção que temos hoje.

Como tratamos no início do capítulo, há vários aspectos que giram em torno da Literatura (infantil e demais vieses literários), e por isso se torna difícil (quase impossível) atingir uma definição precisa. Contudo, tomemos aqui a noção apresentada por Coelho (1984, p. 11):

Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento, é a de identificá-la como um dinâmico *processo de produção/recepção* que, conscientemente ou não, se converte em fator de *intervenção* sociológica, ética ou política. Nesta “intervenção” está implícita a *transformação das noções* já consagradas de tempo, espaço, personagens, ação, linguagem, estruturas poéticas, valores éticos ou metafísicos, etc., etc.

Essa noção se aplica à literatura como um todo. Contudo, tomamo-la especificamente em relação à infância. Em contraste com a história de disseminação da Literatura Infantil, veremos que as funções a ela atribuídas no decorrer dos séculos, como instrumento pedagógico e de influência social, foram contempladas nessa definição apresentada por Coelho (ibid.). Podemos, assim, concluir que a literatura tem a plena capacidade de exercer essas e outras atribuições; porém, ao caracterizá-la somente como uma ou outra, diminui-se o seu universo, livre e complexo, de atuação.

Até então, apresentamos os papéis sociais, culturais e pedagógicos da Literatura, nos quais a literatura para crianças tem sido protagonista. Porém, igualmente importante é encontrar o seu papel de proporcionar prazer e distração para as crianças – característica essa, como ressalta Coelho (2010), que permeia as demais funções, “[...] obviamente, o caráter lúdico, emotivo ou afetivo da literatura (principalmente da que é destinada ao público mirim) é qualidade *sine qua non* para sua existência plena e positiva” (COELHO, 1984, p. XII). No entanto, assim como as demais funções atribuídas à literatura infantil, não convém que se limite unicamente à diversão. Vale destacar, conforme afirma Coelho (1984), que por muitos anos, desde os primeiros surgimentos das obras literárias para crianças, o olhar reduzido ao papel de entretenimento foi o motivo das críticas que subjugarão a literatura para crianças como gênero menor.

Quanto a estas considerações de inferioridade da literatura para crianças, que surgiram no período inaugural, Coelho (1984) reitera a impossibilidade da permanência desse pensamento na contemporaneidade. Isso é justificado com as variadas incumbências anteriormente citadas e, além delas, a grande tarefa da literatura infantil como transmissora de valores sociais em seu sentido mais amplo, conforme afirma a autora:

Tudo aquilo que uma Sociedade incorpora como *código de valores ou desvalores* a pautar o comportamento de seus cidadãos, e em relação ao qual cada indivíduo deve se situar para conseguir ou não sua própria realização, está expresso (ou deve estar) na literatura que os adultos destinam aos mais jovens, - para que estes conheçam tal “código” desde cedo e o *incorporem* (uma vez que ele é a base, é o fundamento que sustenta toda a construção social) (COELHO, 1984, p. 5).

Isto é, se compararmos a ação que a literatura realiza na formação do seu leitor adulto, veremos que a literatura infantil tem a mesma responsabilidade. No entanto, à literatura para crianças cabe um comprometimento um pouco mais além, que envolve o pequeno leitor de hoje e, conseqüentemente, recai sobre ela a carga de efetivar os grandes leitores de amanhã.

Seguindo um critério de pertinência ao objetivo deste trabalho, tomaremos uma última função da literatura infantil, reiterando mais uma vez que esse estudo não encerra todas as funções possíveis a essa literatura. Estamos bem longe disso. Tomemos, por último, mas não menos importante, o apresentado por Coelho (1984, p. 12):

[...] desde as origens, a Literatura aparece ligada a essa função essencial: *atuar sobre as mentes*, onde se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a Literatura (ou com a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, *transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida*, em um grau de intensidade, não igualada por nenhuma outra atividade.

É importante ressaltarmos que nesse trecho a autora se refere à Literatura para adultos; no entanto, em seguida esse caráter essencial é estendido também para a literatura infantil, alterando-se e estruturando-se, então, para corresponder às particularidades dos pequenos leitores.

Compreendemos, portanto, uma visão literária infantil totalmente distinta das propostas pioneiras. Essa nova forma de compreender e produzir literatura para a infância, de acordo com Coelho (2010), é percebida com grandeza no Brasil entre os anos de 1985 a 2003, período de explosão dessa vertente literária no país. Esse desenvolvimento se deu tanto como resultado dos anos de investimento e perseverança dos precursores dessa literatura para crianças, como também pela inserção dessa literatura nos currículos escolares. Contudo, é importante termos em mente, conforme afirma a autora, que não se trata de uma inclusão absoluta que alcança todas as crianças: “[...] como sabemos, toda renovação de costumes e de modos de ver, pensar e agir se dá lentamente” (COELHO, 2010, p. 287). Ainda assim, não se pode negar que houve um avanço na literatura infantil brasileira, quando analisado de maneira diacrônica.

Frente à diversidade que circunda o universo literário infantil, Coelho (2010, p. 289) conclui a inexistência de um protótipo que possa caracterizar plenamente essa literatura:

Será “ideal” aquela que corresponder a uma certa necessidade do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época que ele está vivendo... Vista em conjunto, a atual produção de Literatura destinada a crianças e jovens, entre

nós, apresenta uma crescente diversidade de opções temáticas e estilística, sintonizadas com a multiplicidade de visões de mundo que se superpõem no emaranhado da “aldeia global” em que vivemos.

Partindo do pressuposto de que à literatura infantil cabe uma diversidade de temas apropriados a um destinatário específico, seu conteúdo é capaz de percorrer particularidades que talvez nós sequer conheçamos.

Apropriando-nos, especificamente, da função literária capaz de atuar sobre a mente e o espírito da criança, auxiliando-a no equilíbrio do mundo que a cerca, visamos estabelecer um diálogo com a realidade da criança que sofreu/sofre abuso sexual. Para isso, é necessário compreendermos essa problemática, e suas influências na infância e no desenvolvimento da criança. No próximo capítulo, nos aprofundaremos nessas questões, a partir de algumas concepções desenvolvidas no campo da Psicologia.

3. O ABUSO SEXUAL INFANTIL

No capítulo anterior, destacamos a evolução da literatura infantil brasileira, observando o seu progresso histórico e a relação funcional que exercia sobre a criança. Para estabelecermos a relação da Literatura Infantil com o abuso sexual infantil, faz-se necessário, então, conhecê-lo. Antes de adentrarmos nas consequências no desenvolvimento das crianças vítimas de abuso sexual, objetivo central deste capítulo, faz-se necessário ampliar a nossa visão.

Assim como a noção de criança anteriormente apresentada possui um caráter histórico e cultural, subentende-se então, que o abuso sexual infantil também passa por esse mesmo processo, consoante a hipótese levantada por Schaefer (et al, 2012) “se não havia ‘criança’, não poderia haver abuso sexual infantil”.

Com o objetivo de situar o leitor, faremos um breve levantamento de situações históricas envolvendo a violência contra crianças, ressaltando o pressuposto apresentado por Costa (2002, p. 17-18) de que “a violência ocorre no interior da cultura e portanto só pode ser definida com base em seus parâmetros específicos”, a partir de que podemos inferir que as noções de violência infantil estabelecidas nos dias atuais não correspondem a um conceito definitivo e estável, como também que, ainda que partilhando do mesmo período de tempo, esses critérios podem ser alterados de acordo com cada sociedade. Isso posto, é importante esclarecermos que não estamos aqui nos propondo a abranger todos os conceitos ou registros históricos do abuso sexual contra crianças, mas salientar a sua existência, que se estende no decorrer do tempo, destacando os fatos pelo critério de pertinência às discussões futuras deste trabalho.

Para tanto, elencaremos três exemplos citados no artigo de Labadessa e Onofre (2010). Partiremos, inicialmente, do reconhecimento do abuso sexual contra crianças no *Talmud*¹, segundo Bass e Thornton (1985, p. 24 *apud* LABADESSA e ONOFRE 2010):

O uso de meninas com menos de três anos para fins sexuais não era legalmente regulamentado, porque elas eram consideradas muito jovens para serem virgens legalmente e, portanto, não tinham valor monetário. O sexo com meninas de menos de três anos não estava sujeito a nenhuma restrição. Como na caça, estava aberta a temporada.

¹*Talmud*, de acordo com Szpiczkowski (2008), corresponde à Lei Oral Judaica, caracterizado como um conjunto de livros sagrados, composto pela Bíblia (*Tora*) e a Lei Rabínica (*Halakhá*). Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand15/anaszp.htm#_ftn1>. Último acesso: 24 de maio de 2018.

O segundo caso é retratado na obra de Ariès (1981 *apud* LABADESSA e ONOFRE 2010.), no qual o autor se refere aos costumes da Idade Média, em que as crianças conviviam em ambientes comuns com os adultos, logo após não dependerem mais das mães e nem das amas. Essa convivência correspondia à participação livre das crianças em brincadeiras e trabalhos juntamente com os adultos, e tais hábitos eram marcados pela total liberdade para com as crianças, que eram tratadas como se fossem iguais aos de idade superior a elas, com grosseria e indecência.

Por último, tomemos como exemplo a situação apresentada por Azevedo e Guerra (2000 *apud* *ibid.*), que retratam a primeira visita do Santo Ofício da Inquisição ao Brasil, na Bahia, em 1591, onde trataram da confissão do ato sexual cometido por um Padre de 46 anos contra duas crianças que não tinham mais de 7 anos de idade. No entanto, o crime desse sacerdote foi determinado pela prática do sexo anal, que era considerado pela Igreja um pecado abominável, e não se levou em conta que esse ato foi realizado contra crianças.

Estas breves alusões a alguns fatos do passado não contemplam, em hipótese alguma, todos os registros históricos da violência sexual contra crianças, mas, como mencionado previamente, essa não é nossa intenção neste trabalho. O objetivo é voltarmos o nosso olhar para a pertinência dos registros de abuso sexual infantil na história, observando que cada situação corresponde a um tempo e uma cultura diferente, mas que trazem comum entre si a indiferença ao comportamento abusivo contra as crianças, sendo este ignorado ou tido como normal. Desta forma, podemos afirmar que esse quadro de desatenção para com a criança e com as violências cometidas contra ela é um marco histórico recorrente em diversas populações.

Como vimos anteriormente, a noção de criança traz um novo olhar para a infância. A partir do entendimento dela como ser em desenvolvimento, que se difere do adulto, iniciativas foram tomadas em busca de reverter o cenário da violência infantil. Segundo Labadessa e Onofre (2010, p. 12):

A primeira organização de caráter internacional criada para a prevenção de abuso e abandono de crianças foi a Society For The Prevention of Child Abuse and Neglect – ISPCAN, que teve sua fundação somente em 1977. Essa organização reuniu profissionais de muitos países e traçou como meta a realização de congressos mundiais a cada dois anos e a estimulação de criação de novas entidades e serviços em vários lugares do mundo.

Logo, compreendemos que as crianças passaram anos de violência sem uma organização institucional de apoio. O gritante período de marginalização resulta em incontáveis gerações afetadas.

No Brasil, especificamente, segundo Azambuja (2011, p. 25):

Até o advento da Constituição Federal de 1988, a criança não era considerada sujeito de direitos, pessoa em peculiar fase de desenvolvimento e tampouco prioridade absoluta. A partir de 1988, passamos a contar com uma legislação moderna, em consonância com a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, inaugurando uma nova época na defesa dos direitos daqueles que ainda não atingiram os dezoito anos de idade.

Após a entronização do direito da criança na legislação brasileira, foi promulgado na Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990, pelo então presidente Fernando Collor, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 2017, p. 19), que dispõe preliminarmente dos seguintes artigos:

TÍTULO I Das Disposições Preliminares

ART . 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

ART . 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

ART . 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Agora, a criança brasileira era vista por uma perspectiva totalmente distinta do passado, e contava com o apoio de uma instituição de defesa, que se desenvolveu e permanece efetiva até os dias atuais. Essa mudança de paradigma influi em todas as instâncias nas quais a criança está inserida.

Conforme afirma Furnis (1993 *apud* AMAZARRAY E KOLLER, 1998), essa crescente manifestação do Direito da Criança influenciou o interesse pela consciência do abuso sexual infantil. O autor aponta, também, que outro fator influenciador dessa temática tem sido a preocupação com a saúde física e mental das crianças.

Após esta breve explanação sobre a percepção do abuso sexual infantil no decorrer da história, partiremos por entender melhor o que caracteriza este ato de violação contra a criança.

O Projeto Ação Educativa Contra a Exploração e o Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes em União da Vitória – PR emitiu uma cartilha² de alerta sobre o abuso sexual. Em linhas gerais, essa cartilha informa que esse tipo de violência ocorre em todas as classes sociais, raças e sexos, independentemente de religião, nível de conhecimento

² Cartilha disponível em: <<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br>>. Último acesso: 18 de maio de 2018.

ou idade. Essa pode ocorrer em casa, na escola, no trabalho, na rua, seja dia ou seja noite, sendo assim, não existe um alvo específico, não existe isenção, não se pode calcular ou especificar quando e onde acontecerá. Todos em qualquer circunstâncias e posicionamentos podem ser vítimas dessa violação. De acordo com a pesquisa realizada por Schaefer (et al, 2012), “os efeitos deletérios do abuso sexual e os custos sociais e econômicos associados fazem com que venha sendo considerado um grave problema de saúde pública por ao menos três décadas”. Dessa forma, podemos compreender que o abuso sexual possui um caráter multifacetado, atraindo, assim, o olhar de diversas instâncias.

É importante esclarecermos que este trabalho não se propõe a encerrar todas as perspectivas sobre o abuso sexual, e também não pretende contemplar todas as suas áreas de ocorrência. O abuso sexual infantil é aqui entendido a partir da perspectiva da Psicologia, compreendendo, especificamente, as possíveis consequências geradas na vida das crianças violentadas. Há diversas definições do abuso sexual infantil, mas tomaremos, aqui, a apresentada por Schaefer (et al, 2012, p. 228):

O abuso sexual pode ser definido como qualquer contato ou interação [...] entre uma criança ou adolescente – que não estão aptos para compreender totalmente ou consentir com aquele ato – e alguém em estágio de desenvolvimento psicossocial mais avançado, na qual a criança ou adolescente estiver sendo usado para a estimulação sexual do perpetrador.

Nesse sentido, compreendemos que é errôneo restringir o abuso sexual, somente, ao ato sexual propriamente dito, quando muitas outras ações são também prejudiciais para o desenvolvimento saudável da criança. Entendendo suas formas de ocorrência, podemos compreender melhor sua dimensão e as possíveis consequências geradas na vítima.

Tendo em mente o conceito de abuso sexual infantil, antes de partirmos para suas dimensões e consequências, precisamos, primeiramente, voltar o nosso olhar para os elementos que caracterizam a criança como ser em desenvolvimento. Utilizando o parâmetro apresentado por Papalia e Feldman (2013), consideraremos, especificamente, o desenvolvimento físico e psicossocial das crianças, de acordo com o previsto para as respectivas fases de desenvolvimento: *Primeira Infância* (do nascimento aos 3 anos), *Segunda Infância* (3 a 6 anos) e *Terceira Infância* (6 a 11 anos). Destacamos, no entanto, que não objetivamos descrever em totalidade essas fases da infância. Procuramos aqui elencar, de maneira pontual, as principais manifestações do desenvolvimento.

Segundo as autoras, na Primeira Infância, constata-se um crescimento físico acelerado, atingindo seu ápice no primeiro ano de vida. Desenvolvem-se, também, as

habilidades motoras e as capacidades sensoriais. No que se refere ao desenvolvimento psicossocial, essa fase é marcada pela formação dos vínculos afetivos com os pais e outras pessoas. Outros fatores pertinentes a esse período são o desenvolvimento da autoconsciência; a passagem da dependência para a autonomia e o aumento do interesse por outras crianças.

Na Segunda Infância, ainda em consonância às autoras, o crescimento continua, mas o seu ritmo diminui, em comparação aos primeiros três anos. Nesta fase, o corpo vai adquirindo uma forma mais esguia e, gradualmente, as proporções do corpo vão se ajustando. Esse período também é marcado pelo crescimento muscular e esquelético, tornando a criança mais forte e auxiliando-a nas diversas habilidades motoras. Considerando o desenvolvimento psicossocial, as crianças da Segunda Infância apresentam mais complexidades no autoconceito e na compreensão das emoções, como também o surgimento de uma autoestima global. Nessa fase, ainda, se manifesta a identidade enquanto gênero. E nas relações sociais, mesmo a família ainda sendo o foco, a relação com outras crianças vão ganhando mais atenção.

Por fim, na Terceira Infância, o crescimento da criança é consideravelmente mais lento e quase imperceptível diariamente, porém, há uma grande destoante entre as idades que compõem essa fase. Enquanto a criança de 6 anos ainda é pequena, a de 11 anos, em muitos casos, começa a assemelhar-se aos adultos. Quanto às habilidades motoras, continuam a melhorar e se estabelecerem mais firmes nessa fase. A criança começa a apresentar um autoconceito mais realista, que afeta diretamente sua autoestima. É próprio desse período, também, as descobertas das crianças sobre traços de suas habilidades e valores, a partir da relação com os pares, isto é, os cuidadores e também a escola. Nessa fase, as relações sociais põem colegas como fundamentais.

Com base nas características apresentadas, reconhecemos a criança como ser em desenvolvimento, que em sua dimensão física e psicossocial ainda não atingiu a maturidade. As crianças ainda estão crescendo, seus corpos ainda estão tomando forma, e estão apenas no início do processo de descoberta sobre elas mesmas e sobre o mundo. Com isso, podemos afirmar que se analisarmos, mesmo que de grosso modo, a estrutura do desenvolvimento infantil, veremos que o corpo da criança não está no estágio propício para viver a relação sexual, tendo em vista, de acordo com as mesmas autoras, que esse estágio acontece somente na adolescência. A partir da puberdade é que o corpo atinge a maturação dos órgãos reprodutores.

É importante salientarmos que são diversos os fatores que evidenciam a inaptidão da criança para iniciação na vida sexual durante essa fase de sua vida, dentre os quais se encontra a própria natureza do desenvolvimento humano. Isso posto, partiremos agora para a compreensão das formas como a criança pode ser violada.

Azevedo e Guerra (1988, p. 13 *apud* ROMERO, 2007) afirmam que a violência sexual infantil se categoriza em três grupos que são classificados de acordo com as características da ocorrência, sendo eles:

 Não envolvendo contato físico: abuso verbal, telefonemas obscenos, vídeos/filmes obscenos, voyeurismo;
 Envolvendo contato físico: atos físicos genitais que incluem 'passar a mão', coito (ou tentativa de), manipulação de genitais, contato oral-genital e uso sexual do ânus; pornografia, prostituição infantil (ou seja, exploração sexual da criança para fins econômicos) e incesto (enquanto atividade sexual entre uma criança e seus parentes próximos, tanto de sangue quanto de afinidade);
 Envolvendo contato físico com violência: estupro, brutalização e assassinato (crianças emasculadas) - no qual estão presentes à força, ameaça ou intimidação.

As consequências desinentes do abuso sexual, segundo Papalia e Feldman (2013, p. 240) “podem ser físicas, emocionais, cognitivas e sociais, e esses tipos de consequência geralmente estão inter-relacionados”. Essas decorrências, conforme ressaltam Amazarray e Koller (1998), não correspondem a um padrão exato e generalizado para todas as crianças vítimas do abuso sexual, tendo em vista que há diversas variáveis envolvidas que devem ser consideradas para se obter um diagnóstico do abuso.

Antes de destacar as consequências causadas pela experiência traumática do abuso sexual, faz-se necessário levar em conta alguns fatores que influenciam na extensão dos danos na vida da criança. Amazarray e Koller, em sua revisão literária (1998, p.??), apresentam os aspectos propostos por Furnis (1993) e Knustson (1995):

- A idade da criança no início do abuso sexual: não se sabe em qual idade há maior prejuízo;
- Duração do abuso: algumas evidências sugerem que maior duração produz consequências mais negativas;
- O grau de violência: uso de força pelo perpetrador resulta em consequências mais negativas tanto a curto como a longo prazo;
- A diferença de idade entre a pessoa que cometeu o abuso e a vítima: quando maior a diferença, mais grave são as consequências;
- A importância da relação entre abusador e vítima: quanto maior a proximidade e intimidade, piores as consequências - também apontado por Kendall-Tackett, Williams, e Finkelhor (1993);
- A ausência de figuras parentais protetoras e de apoio social: nesses casos, o dano psicológico é agravado;
- O grau de segredo e de ameaças contra a criança.

Não é nosso objetivo discutirmos essas variáveis. Contudo, de acordo com Knutson (1995 *apud* AMAZARRAY E KOLLER, 1998), as conclusões sobre as consequências do abuso sexual são comprometidas quando não levados em consideração os fatores acima citados.

Ao se referir às consequências físicas, Costa (2002) aponta os variados tipos de lesões nas genitálias ou ânus, como também as doenças sexualmente transmissíveis, a gestação, entre outras sequelas, como as mais encontradas nas vítimas. Ainda segundo a autora, nem sempre os abusos sexuais podem ser identificados através de exames físicos, pois não apresentam danos dessa natureza. No entanto, as marcas físicas são um agravante a mais para a criança, conforme afirmam Amazarray e Koller (1998, p.??), "[...] sua gravidade acarreta ainda mais danos psicológicos", os quais de modo particular correspondem aos objetivos desse trabalho.

Com relação aos danos de caráter psicológico, somos capazes de perceber a sua diversidade, considerando as variáveis já apresentadas que acentuam os prejuízos no desenvolvimento infantil. Destacaremos, aqui, o indicado por Amazarray e Koller (1998), que utilizam os dados das pesquisas de Kendall-Tackett, Williams e Finkelhor (1993), os quais elencaram as consequências psicológicas em conformidade com as idades pré-escolar (0 a 6 anos), escolar (7 a 12 anos) e adolescência (13 a 18 anos), evidenciando os sintomas mais comuns em cada fase e os consonantes entre elas:

Os sintomas mais comuns em pré-escolares são: ansiedade, pesadelos, transtorno de *stress* pós-traumático e comportamento sexual inapropriado. Para as crianças em idade escolar, os sintomas mais comuns incluem: medo, distúrbios neuróticos, agressão, pesadelos, problemas escolares, hiperatividade e comportamento regressivo. Na adolescência, os sintomas comuns são: depressão, isolamento, comportamento suicida, auto-agressão, queixas somáticas, atos ilegais, fugas, abuso de substâncias e comportamento sexual inadequado. Sintomas comuns às três fases de desenvolvimento são: pesadelos, depressão, retraimento, distúrbios neuróticos, agressão e comportamento regressivo. (KENDALL-TACKETT et al *apud* AMAZARRAY E KOLLER, ano, p.??)

A sintomatologia acima apresentada não encerra todas as consequências que o abuso sexual pode causar à criança, e não necessariamente será manifestado um desses sintomas. Vale a pena ressaltar, mais uma vez, que cada caso é único e os danos são correlacionados a um conjunto extenso de variáveis, sejam elas anteriores, concomitantes ou posteriores ao abuso sexual.

Conforme apresentado no início de nossa discussão, o trabalho está pautado no universo infantil. Contudo, na descrição das possíveis consequências do abuso sexual,

optamos por trazer também os danos causados nos adolescentes, considerando que, em alguns casos, o adolescente foi abusado na infância e esse abuso permanece até sua adolescência. Tendo em vista que estes, ainda em consonância com Amazarray e Koller (1998), nos permitem visualizar, a longo prazo, as consequências da violação sofrida na infância.

Aprofundando um pouco mais as manifestações apresentadas a longo prazo, Wright e Scalora (1996 *apud* *ibid.*), destacam as seguintes:

[..] alta atividade sexual quando crianças, adolescentes e adultos; confusão e ansiedade a respeito da identidade sexual para aqueles que sofreram abuso homossexual, especialmente vítimas do sexo masculino; dificuldades no ajustamento sexual adulto (dificuldades conjugais, impotência, ansiedade sexual, menor satisfação sexual, evitação de sexo ou desejo compulsivo por sexo) e confusão quanto aos valores sexuais.

Podemos observar que, embora o abuso tenha acontecido na infância, algumas consequências são contínuas, desde a violência até a vida adulta. Outras, como o ajustamento sexual, por exemplo, são questões que na infância não são pertinentes à reflexão, compreendendo a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra. Sendo assim, somente ao chegar ao estágio de maturação o indivíduo precisará tomar essas decisões, e se deparará com um impasse.

O abuso sexual infantil não interfere somente no desenvolvimento psicológico da criança, mas reflete diretamente no seu comportamento e relações sociais, conforme anteriormente citado. Quanto a isso, Flores e Caminha (1994 *apud* *ibid.*) afirmam que “as crianças abusadas possuem menos comportamento pró-social: compartilham menos, ajudam menos, e se associam menos a outras crianças, quando comparadas com crianças não abusadas”. Desta forma, podemos inferir que o abuso sexual, por seu caráter social, traz consequências que se disseminam até mesmo entre aqueles que não sofreram a violência – evidentemente, em uma proporção demasiadamente menor.

Outro fator de risco derivado do abuso sexual é, conforme afirma Meichenbaum (1994 *apud* ROMARO, 2007), a probabilidade de uma criança abusada tornar-se um abusador no futuro. Amazarray e Koller (1998) também denota esse elemento preocupante nas considerações de Wright & Scalora (1996) “outras consequências no que diz respeito ao comportamento interpessoal incluem o retraimento e relacionamentos superficiais, além do risco de tornarem-se adultos abusadores”. Sendo assim, compreendemos que voltar nossa atenção às crianças vítimas de abuso sexual hoje também significa prevenir os possíveis abusos futuros.

Conforme ressalta Knutson (1995 *apud* AMAZARRAY E KOLLER, 1998), é difícil compreendermos a totalidade dos impactos causados nas vítimas do abuso sexual, tendo em vista que não se conta com estudos longitudinais e nem com a presença de um grupo de controle adequado. Isto porque, em consonância ao citado na introdução deste trabalho, muitos dos abusos não são denunciados e nem as crianças diagnosticadas, e vários fatores externos impossibilitam um acompanhamento psicológico com a criança violada.

Ressaltamos, mais uma vez, que toda a amplitude do abuso sexual não foi aqui compreendida. Muitos outros fatores, por outras perspectivas, podem ser lançados e acrescentados ao tema.

Com base no apresentado até aqui, podemos compreender o abuso sexual infantil como um problema histórico/social. Pelo seu caráter multifacetado, age cruelmente sobre a criança, tendo efeitos que podem se refletir na totalidade do seu desenvolvimento. Por outro lado, retomando o caráter da Literatura Infantil, assim como o abuso sexual, ela também tem poder de agir sobre a criança na extensão do ser. A diferença está nos seus efeitos. Por isso, no próximo capítulo, discutiremos as possíveis relações existentes entre a Literatura para crianças e a discussão sobre abuso sexual infantil.

4. A LITERATURA INFANTIL COM A TEMÁTICA DO ABUSO SEXUAL

Ao voltarmos o nosso olhar para a produção literária no Brasil com a temática do abuso sexual, não veremos um grande acervo de obras: a realidade é bem distante disso. De acordo com McDaniel (2001 *apud* SOMA E WILLAMS, 2017), a falta de conhecimento de livros dessa natureza se dá, em grande parte, pelo medo e ignorância dos pais. Os responsáveis alegam o receio de estarem prejudicando a inocência da criança ou, de certa forma, incentivando a curiosidade da criança para a sexualidade e temas afins. No entanto, com base no apresentado nesse estudo, podemos inferir outras questões em volta da ausência dessa temática, compreendendo a dimensão do abuso sexual e a realidade de que, em sua maioria, esse ato está inserido em uma cultura do silêncio, portanto, a tendência por anos foi não discutir esse assunto. A isto, some-se também o fato de a literatura infantil no Brasil ter se manifestado e estruturado no país com evidência e liberdade somente nos últimos 40 anos.

Na pesquisa realizada por Soma e Willams (2017), as autoras elencaram seis exemplares que abordam esse tema aqui no Brasil. São eles: *A Invasão do Planeta Chamado Carinho* (Fonseca, 2008); *Chapeuzinho Cor-de-rosa e a Astúcia do Lobo Mau* (Siquinel, 2010); *O Segredo da Tartanina* (Silva, Soma, & Watarai, 2011); *Segredo Segredíssimo* (Barros, 2011); *Antônio* (Ferreira, 2012); *Pipo e Fifi* (Arcari, 2013). Cada um desses livros busca, de maneira lúdica, transmitir aspectos do abuso sexual, seja conscientizando essas crianças sobre o que está acontecendo ou dando chaves para se buscar uma saída, como contar o que está acontecendo a alguém de confiança. Apresentam, portanto, uma natureza pedagógica.

Podemos notar que todos os livros acima citados são publicações recentes, e seus autores não correspondem a um nome previamente conhecido, ou seja, são autores que não haviam contribuído, até então, para o acervo literário infantil do Brasil. No entanto, como mencionamos no início desse trabalho, cada vez mais tem surgido o interesse de profissionais, das mais diversas áreas, para com a problemática do abuso sexual infantil, em uma busca insistente de minimizar ao máximo esses atos de violência e alcançar, um dia, a resolução desse grande problema. A Literatura, por sua vez, tem sido introduzida como participante ativa dessa busca.

Ratificamos que, tendo em vista o caráter teórico deste trabalho, não é nosso objetivo realizar uma análise dessas obras em sua íntegra. Objetivamos, portanto, registrar

a presença, mesmo que em pequeno número, dessa temática da literatura infantil brasileira, embora, o conhecimento sobre a existência dessas obras ainda seja, relativamente, inexplorado. Para uma melhor compreensão sobre esse tipo de escrita, ao qual nos propusemos a discutir, faremos uma apresentação mais detalhada do livro *Segredo Segredíssimo* (2011), destacando a forma como essa temática foi abordada na obra.

É importante esclarecermos que a escolha do livro não se deu mediante um caráter qualitativo, tendo em vista não ser este nosso objetivo de análise. A escolha foi feita unicamente com base na acessibilidade à obra, e por haver matérias publicadas acerca de sua produção e repercussão.

Antes de adentrarmos na história propriamente dita, com o objetivo de situar o leitor, faremos uma breve menção à origem deste livro, utilizando-nos das fontes biográficas presentes no próprio livro, e também, de uma entrevista com a autora, publicada em setembro de 2011, no blog *Todos contra a Pedofilia*³.

Este livro, publicado em 2011, foi escrito por Odívia Barros, professora de inglês na Bahia. De acordo com a entrevista, o desejo de escrita da autora surgiu a partir de uma preocupação dela como mãe. Tendo sido vítima do abuso sexual na infância, buscava orientar sua filha sobre a situação, de maneira que pudesse ajudá-la e, de certa forma, preveni-la.

O livro é escrito em forma de conto, e procura narrar de maneira leve, o abuso sexual. A obra é estruturada em 32 páginas, sendo a última folha reservada para um jogo de perguntas elaborado pela autora. São cinco perguntas voltadas para o entendimento da criança sobre os pontos cruciais da história. Segundo a autora, as perguntas são para a criança auxiliar na identificação do abuso sexual; também para que, ainda que a criança nunca tenha sofrido tal violência, possa interiorizar os pontos principais do conto, como forma de proteção diante de possíveis situações de perigo.

O livro conta, também, com várias ilustrações, que completam o sentido da narrativa, facilitando, assim, a compreensão do que não possa ser absorvido através da linguagem escrita. As ilustrações foram feitas por Thais Linhares⁴, que há mais de duas décadas tem se dedicado à ilustração de livros infantis. A ilustradora é também

³ O conteúdo da entrevista pode ser acessado através do endereço: <<http://todoscontraapedofilia.ning.com/profiles/blogs/entrevista-odivia-barros>>. Último acesso: 23 de maio de 2018.

⁴ A biografia da ilustradora pode ser encontrada no Blog pessoal da mesma, disponível através do endereço: <<http://ilustracoesdethais.blogspot.com.br/>>. Último acesso: 23 de maio de 2018.

Coordenadora de Comunicação do Instituto de Defensores dos Direitos Humanos (IDDH).

Após breve apresentação dos elementos extraliterários que compõem o livro, seguiremos, então, para o resumo da narrativa propriamente dita.

4.1. *Segredo, Segredíssimo* (2011)

A história gira em torno de duas amigas: Alice, uma menina de 6 anos, que era bastante esperta, e Adriana, da mesma idade, que tinha um “segredo, segredíssimo” e resolve contar para sua amiga. Alice descobre que o “tio” de Adriana estava interessado em fazer brincadeira de adulto com a menina e que isso a deixava muito triste. Logo Alice associou as brincadeiras que a amiga falava aos beijos que ela via na TV e, então, aconselha à Adriana que conte tudo para sua mãe. A menina toma coragem e relata para a mãe o que acontece quando o “tio” vem à sua casa. A mãe apoia a criança e a conforta, dizendo que ela não tem culpa de nada e que não estava sozinha nessa situação. Em seguida, o narrador afirma o orgulho da mãe para com sua filha, e a certeza de que o “tio” não incomodaria mais a criança com tais brincadeiras. A história se encerra com as duas amigas felizes e livres de todo medo.

Nessa narrativa, podemos observar traços nítidos do abuso sexual. De acordo com o que discutimos nos capítulos anteriores, destacaremos trechos da história que correspondem à nossa discussão. Contudo, o objetivo aqui não é uma análise da obra em si, mas visualizar os elementos do livro que trazem sinais do abuso sexual e a maneira como ele se reflete na criança.

O primeiro elemento que queremos destacar é a forma como as duas crianças, Alice e Adriana, são descritas na história. Na narrativa a primeira criança é apresentada da seguinte forma: “Era uma vez e não era uma vez, uma menina muito esperta. Seu nome era Alice. Quando tinha seis anos, Alice já entendia um montão de coisa.” (BARROS, 2011, p. 5-6). A outra criança, por sua vez, é introduzida de maneira diferente: “Alice tinha uma grande amiga, que também era pequena, chamada Adriana.” (BARROS, 2011, p. 12).

Confrontando as duas apresentações e destacando o adjetivo (pequena) atribuído a Adriana, podemos inferir um sentido conotativo que não se restringe à sua estatura, ou até mesmo à sua idade. O adjetivo “pequena” realça a sua característica de ser em desenvolvimento, portanto, ser que precisa de cuidados. Pode, também, caracterizar a forma como o abuso sexual torna a criança acanhada, reduzindo o tempo natural que ela

tem para crescer, e a introduzindo erroneamente em uma fase que não convém – diferentemente da outra criança, que não divide a mesma experiência, mas, pelo contrário, vive a sua fase de crescimento e descoberta conforme o esperado. Isso pode ser inferido também com o auxílio das imagens. A Alice está reluzente e feliz, enquanto a Adriana aparece com os olhos baixos e os ombros tencionados.

Outro fator a ser apontado é a escolha de Adriana em contar a sua amiga sobre o acontecido, ao invés de outra pessoa. Podemos associar este fator ao que abordamos acerca do desenvolvimento psicossocial da criança. As crianças têm 6 anos de idade, classificadas então, no ponto de encontro entre a segunda e a terceira infância. No que se refere à Segunda Infância, retomando o que apresentam Papalia e Feldeman (2013), embora a família ocupe um lugar importante, os colegas vão ganhando maior atenção. E na Terceira Infância, esses colegas ocupam papéis fundamentais na vida dessa criança. Sendo assim, a criança se sente mais à vontade para falar com alguém que vive a mesma fase que ela. Vale ressaltar, também, o medo e a vergonha que muitas vezes silenciam a criança, principalmente quando se trata de alguém da família, conforme discutimos na introdução deste trabalho.

Vários trechos no livro remetem às consequências causadas pelo abuso sexual, como por exemplo, “Adriana estava triste e queria sumir do mundo toda vez que o “tio” aparecia” (BARROS, 2011, p. 20) e também, “A mãe disse que entendia porque Adriana estava tão triste e angustiada” (BARROS, 2011, p. 24). A tristeza e a mudança de comportamento são algumas das manifestações mais comuns apresentadas pelas crianças vítimas de abuso sexual. Todas essas características são acentuadas através das imagens, onde a criança aparece sempre tensa, apreensiva e com medo.

O último fator aqui analisado, trata da resposta positiva que a criança recebeu após contar o que aconteceu. Como apresentamos anteriormente, uma das variáveis a serem levadas em consideração, em torno das consequências, é o apoio dos pais. O abuso sexual pode ser ainda mais acentuado quando essa criança não é ouvida e as instâncias responsáveis por sua proteção não lhe dão o suporte necessário. No caso de Adriana, contar para a mãe foi o fator decisivo, fazendo com que as violações contra a menina cessassem.

É importante termos em mente que os apontamentos aqui mencionados não encerram as análises sobre o livro, porém, não foi essa nossa pretensão. Elencamos os trechos da história que fazem alusão às características do abuso sexual por nós discutidas, como forma de exemplificar a narração dessa realidade para a criança. Tendo em mente

esse exemplar, partiremos para uma outra perspectiva, objetivando estabelecer a relação da literatura infantil com a criança vítima dessa problemática.

4.2 A literatura infantil e o abuso sexual infantil

A Literatura infantil, como vimos, tem um caráter multifacetado, podendo agir sobre a criança de várias formas. Caracteriza-se como um universo de apoio à criança, que não se restringe, por exemplo, à função educacional, como também não tem sua natureza findada ao entretenimento. Porém, para esta discussão especificamente, nos apropriaremos da Literatura como uma ação pedagógica, tendo essa função entendida da maneira apresentada por Mar Soriano:

Ela pode não querer ensinar, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem [...] O livro em questão, por mais simplificado e “gratuito” que seja, aparece sempre ao jovem leitor com uma mensagem *codificada que ele deve decodificar* se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. [...] Se a infância é um período de aprendizagem, [...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma *vocação pedagógica*. (op. cit., p. 186 *apud* COELHO, 1984, p. 13)

Tendo em mente o conteúdo e a estrutura do livro *Segredo, Segredíssimo* (2011), podemos entendê-lo a partir dessa vocação pedagógica da literatura infantil, quando se pretende passar para a criança que sofre abuso sexual uma orientação de como lidar com essa dificuldade, transmitindo, também para a criança que não foi violada, um sinal de alerta e prevenção. Nessa fase de aprendizagem por excelência, a criança receberá a mensagem transmitida pelo adulto através da literatura e, decodificando essa mensagem, apropria-se dela para sua realidade.

É importante ressaltarmos, também, a característica comum da literatura infantil em ter uma criança como protagonista, para que, assim, ela possa identificar-se com esse personagem. No caso de um livro com a temática do abuso sexual, como o aqui destacado, uma criança que é abusada se identificará com a personagem do livro. Isso não acontece pelo fato de ela compreender que aquela criança foi abusada, tendo em vista que, como discutimos, a criança muitas vezes não compreende que ela mesma está sofrendo essa violação. Portanto, a identificação surge a partir dos sentimentos e desafios que são representados na obra e que preexistem dentro da criança leitora.

A literatura infantil e o abuso sexual infantil possuem um denominador comum: a criança. Na medida em que o abuso sexual interfere no desenvolvimento da criança, ele deixa marcas e constrói barreiras, sejam elas internas ou externas. Em contrapartida, a literatura introduzida nessa fase da vida, para um ser em desenvolvimento, é capaz de auxiliar nos ajustes próprios da infância, ajudando a criança a ler e interpretar o mundo à sua volta. Dessa forma, uma literatura para crianças, especialmente àquelas que sofrem/sofreram abuso sexual, é uma ferramenta de reconstrução. A história descreve uma situação semelhante a que ela vive, não com o objetivo de fazê-la sofrer e reviver o ato, mas, como endossa Gutfreind (2014, p. 21):

[...] também serve para isto a literatura, encontrar nomes com patamar de metáforas (películas) para nossos sofrimentos que, (era) uma vez nomeados, perturbam um pouco menos para sempre, especialmente se descobrimos que não somos os únicos a padecê-los. Outros passaram pelo mesmo calvário e conseguiram sair se não incólumes, pelo menos capazes de seguir vivendo.

Tendo em mente a dimensão prejudicial que o abuso sexual acarreta à vida da criança, faz-se necessário proporcionar a ela o máximo de subsídios possíveis, e podemos, então, ver a literatura infantil com essa característica.

Diante do que apresentamos, é importante ressaltarmos que não foi objetivo desse estudo restringir a literatura a este tipo de criação. Pelo contrário, reconhecendo sua natureza multifuncional e a pluralidade de caracterização, apenas pontuamos uma das muitas faces da Literatura infantil. Retomando a noção apresentada no decorrer deste trabalho de que a literatura se adequa de acordo com a necessidade de seu leitor, aqui utilizamos essa forma de literatura infantil, objetivando corresponder às necessidades da criança vítima do abuso sexual.

Considerando o conjunto de problemas que estão relacionados ao abuso sexual infantil, e também a sua dimensão, compreendemos, portanto, que as produções de obras literárias com esse caráter não são a solução do problema. No entanto, trata-se de uma estratégia que proporciona, em algum ponto, suporte para essas crianças. E, de certa forma, também possui um viés preventivo, à medida que produz um alerta e uma interiorização para as crianças que não foram vítimas do abuso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemo-nos a analisar as possíveis relações entre a Literatura Infantil e o abuso sexual infantil no Brasil, e o poder de atuação que ambos exercem sobre a vida da criança. Essa proposta surgiu a partir dos preocupantes efeitos que o abuso sexual causa no desenvolvimento infantil, como também da dificuldade do diálogo com a criança sobre essa temática. Além disso, considerando a dinamicidade da Literatura, e a sua capacidade de comunicar à criança, de maneira lúdica e de linguagem acessível, assuntos de um universo paralelo ao infantil.

Essa pesquisa foi elaborada em caráter teórico, buscando na história da Literatura Infantil Brasileira sua evolução, e as várias formas como ela tem contribuído no decorrer dos séculos para o público infantil. A outra vertente teórica em que nos apoiamos foi a Psicologia do Desenvolvimento, de maneira que pudéssemos compreender as consequências geradas na criança vítima do abuso sexual.

Direcionamos nossa pesquisa objetivando responder a seguinte questão: *Em que medida a Literatura Infantil pode servir de suporte para as crianças vítimas do abuso sexual no Brasil?*. Utilizamos o livro *Segredo Segredíssimo*, de Odívia Barros (2011), para exemplificar a produção literária com esse tipo de temática.

Como resultado desta pesquisa, observamos que a Literatura Infantil, desde o seu surgimento, realizou diferentes funções na vida da criança, sendo muitas vezes alvo de críticas, questionada pela seriedade e relevância de sua produção. No decorrer dos séculos, esteve muitas vezes em segundo plano, sendo posta ora em função da economia do país, ora acessória à educação. Porém, ainda assim, resistiu e se perpetuou na história até os dias atuais. Embora as intenções no uso da literatura infantil fossem contrárias à sua natureza artística, impulsionaram sua disseminação na sociedade, e permitiram que alcançasse seu alvo principal: a criança. Desde então, a literatura infantil tem ganhado a fidelidade e o apreço dos seus pequenos leitores.

No Brasil, essa literatura surgiu juntamente com a República, e anunciava a modernidade do país. Esse período foi marcado com a reforma do ensino brasileiro, desta forma, a literatura foi incluída na pragmática escolar, como propagadora dessa nova cultura que nascia. Isso se deu pelo caráter de comunicação que a literatura possui e seu surgimento no seio cultural, e se fortifica quando dirigida aos mais novos, sendo capaz de perpetuar a cultura vigente. À literatura infantil atribui-se, assim, a função de difundir valores.

Deste modo, podemos perceber a multifuncionalidade da Literatura, seja na sua dimensão educacional ou cultural. O erro não está no uso da literatura para outras coisas afins, e sim em restringi-la a uma só função. Não podemos nos esquecer da sua natureza de entretenimento, a sua capacidade de criar um novo universo para criança, onde ela possa ser o que quiser. A literatura deve ser para a criança aquilo que ela precisa. Destacando, mais uma vez, o apresentado por Coelho (2010), a literatura ideal é aquela que corresponde à necessidade do seu leitor.

Na outra vertente à qual nossa pesquisa se destinou, podemos destacar a realidade consequencial que circunda as crianças vítimas do abuso sexual. A maior dificuldade acerca do abuso sexual é que não se podem prever suas vítimas, tendo em vista que ocorre em todas as classes sociais, independente de sexo ou nível de entendimento. E suas consequências são variadas, podendo ser momentâneas ou duradouras. No que se refere a esse ato contra a criança, seja através de conversas e carícias, ou pela penetração em si, o ponto central é que se prejudica diretamente o seu desenvolvimento, haja vista que a natureza deste ato não é proporcional ao estágio biológico e psíquico em que a criança se encontra. Quando seu desenvolvimento é interrompido dessa maneira brusca, as consequências oriundas dessa violação podem se manifestar de incontáveis formas, seja prejudicando o rendimento escolar, a capacidade de estabelecer relações, como também o futuro adulto que ela irá se tornar. Enfim, o abuso sexual viola todas as dimensões do ser.

Tendo em mente essa realidade, surge a necessidade de estratégias para amenizar os efeitos gerados nas crianças vítimas do abuso sexual. Para isso, consideramos a pluralidade da literatura infantil e sua capacidade de comunicar o mundo à criança, reconhecendo, pois, um ponto de encontro entre a literatura e o abuso sexual, que vai além do adjunto “infantil” em comum.

A partir do livro *Segredo, Segredíssimo* (2011), analisamos a forma que a temática pode ser direcionada à criança. O livro apresenta várias características do abuso sexual, que, com uma certa leveza, são comunicadas à criança. Esse processo de comunicação se estabelece a partir da identificação da criança com o personagem. Vale lembrar, conforme apresentado por Amazarray e Koller (1998), que muitas vezes as crianças não percebem a realidade abusiva na qual estão vivendo; desta forma, o livro com essa temática pode gerar essa conscientização.

Além dessas contribuições, queremos destacar a forma como a personagem soluciona o problema, mostrando à criança, portanto, que existe saída e um possível final

feliz para ela também. Podemos dizer, pois, que a literatura infantil, abordando essa temática, pode auxiliar na reconstrução daquilo que foi violado.

Reconhecendo a utilidade desse tipo de produção literária, observamos que são poucos os livros que se direcionam a essa temática. Além disso, a maioria dos autores dos livros já existentes não são nomes conhecidos previamente. Vale ressaltar que, de forma alguma isso inferioriza o trabalho por eles construído; no entanto, a atenção dos grandes nomes de escritores e áreas afins fortaleceria essa iniciativa.

Por fim, é importante esclarecermos que não é nossa intenção exaltar essa forma sob as diversas alternativas de temas e estilos da literatura para crianças. Isso essencialmente por dois motivos: em primeiro lugar, conforme afirma Furniss (1993 *apud* AMAZARRAY E KOLLER, 1998), a criança vítima do abuso sexual deve ter o direito de esquecer esse trauma e seguir sua vida; em segundo, restringir a Literatura Infantil a qualquer que seja a temática é o mesmo que não reconhecer sua natureza imensurável.

REFERÊNCIAS

- AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 3, p. 559–578, 1998.
- AZAMBUJA, M. R. F.; FERREIRA, M. H. M. **Violência sexual contra crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BARROS, O. **Segredo segredíssimo**. São Paulo: Geração Editorial, 2011.
- BRASIL. LEI FEDERAL n. 8.069, de 13 de jul. de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2017.
- COELHO, N. N. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.
- _____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5. ed. Barueri: Manole, 2010.
- COSTA, D. S. F. A. S. **Para além do silêncio: um estudo sobre o abuso sexual infantil e resiliência**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2002.
- FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal : Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139–199, 2015.
- GUTFREIND, C. **A infância através do espelho: a criança no adulto, a literatura na psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. 2º ed. São Paulo: LeLivro, 2013.
- LABADESSA, V. M.; ONOFRE, M. A. Abuso Sexual Infantil: Breve Histórico e Perspectivas na Defesa dos Direitos Humanos. **Olhar Científico**, v. 1, n. 1, p. 4–17, 2010.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- NASCIMENTO, F. P.; CHRISTIANO, A. P. A produção histórica da violência sexual contra crianças. p. 38350–38367, 2015.
- PAPALIA, D. E.; FILDEMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- ROMERO, K. R. P. D. S. **Criança Vítima de Abuso Sexual: Aspectos psicológicos da Dinâmica Familiar**. 2007.
- SCHAEFER, L. S.; ROSSETTO, S.; KRISTENSEN, C. H. Perícia psicológica no abuso sexual de crianças e adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 2, p. 227–234, 2012.

SOMA, S. M. P.; WILLIAMS, L. C. DE A. Avaliação de Livros Infantis Brasileiros sobre Prevenção de Abuso Sexual baseada em Critérios da Literatura. **Trends in Psychology**, v. 25, p. 1201–1212, 2017.

_____. Livros infantis para prevenção do abuso sexual infantil: uma revisão da literatura. **Temas em Psicologia**, v. 22, p. 353–361, 2014.

Anexo 1





**SEGREDO
SEGREDÍSSIMO**

Copyright © 2011 by Odvia Bentes

1ª edição - Março de 2011

Gratita atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editor e Publicador
Luiz Fernando Esmediato

Divisão Editorial
Fernando Esmediato

Produtora Editorial
Renata da Silva

Ilustrações
Thais Linhares

Diagramação
Kasson Sales

Revisão
Marcia Benjamin

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bentes, Odvia.
Segredo segredíssimo / Odvia Bentes ;
ilustrações de Thais Linhares. - São Paulo :
Geração Editorial, 2011.

ISBN 978-85-01501-58-7

1. Contos. - Literatura infantojuvenil.
I. Linhares, Thais. II. Título.

11-00563

CDD: 028.5

Índices para catálogo sistemático

1. Contos. Literatura infantil. 028.5
2. Contos. Literatura infantojuvenil. 028.5

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225/229 - Lapa
CEP: 05075-010 - São Paulo - SP
Telefax: (11) 3256-4444
Email: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

2011
Impresso no Brasil
Printed in Brazil